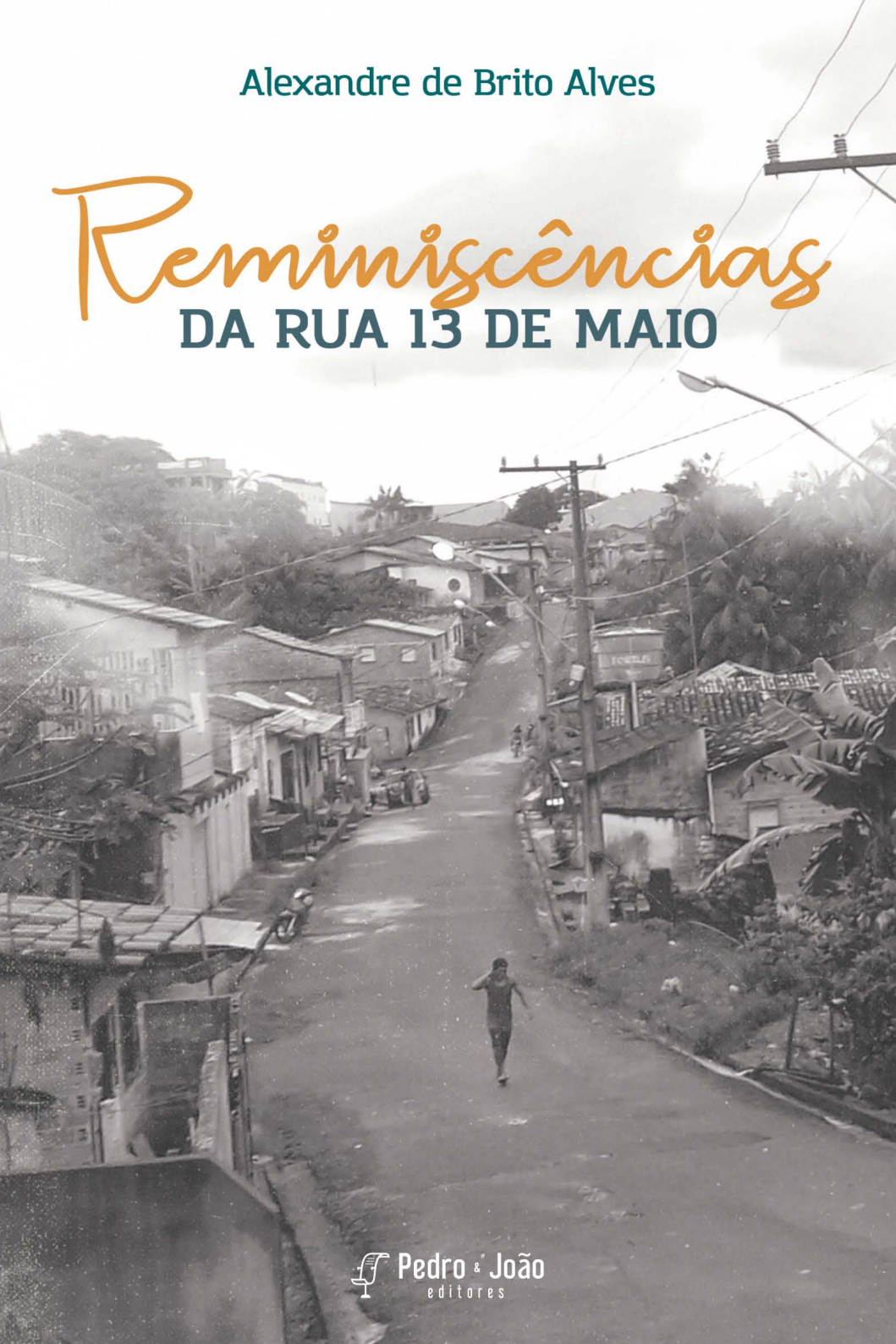


Alexandre de Brito Alves

Reminiscências

DA RUA 13 DE MAIO



Reminiscências da Rua 13 de Maio



Pedro & João
editores

Alexandre de Brito Alves

**Reminiscências da
Rua 13 de Maio**



Pedro & João
editores

Copyright © Alexandre de Brito Alves

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos do autor.

Alexandre de Brito Alves

Reminiscências da Rua 13 de Maio. São Carlos: Pedro & João Editores, 2021. 41p. 14 x 21 cm.

ISBN: 978-65-5869-509-7 [Impressor]
978-65-5869-510-3 [Digital]

1. Reminiscências. 2. Rua 13 de Maio. 3. Bragança-PA. 4. História. I. Título.

CDD – 800

Capa: Petricor Design

Ficha Catalográfica: Hélio Márcio Pajeú – CRB - 8-8828

Diagramação: Diany Akiko Lee

Editores: Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

Conselho Científico da Pedro & João Editores:

Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/ Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luis Fernando Soares Zuin (USP/Brasil).



Pedro & João Editores

www.pedroejoaoeditores.com.br

13568-878 – São Carlos – SP

2021

*Amar o perdido
deixa confundido
este coração.
Nada pode o olvido
contra o sem sentido
apelo do Não.
As coisas tangíveis
tornam-se insensíveis
à palma da mão.
Mas as coisas findas,
muito mais que lindas,
essas ficarão.
Memória*

Carlos Drummond de Andrade

Sumário

Prefácio	9
CAPÍTULO I - A chegada à Rua 13 de Maio	11
CAPÍTULO II - A casa de tábuas	17
CAPÍTULO III - As pipas na Rua 13 de Maio	19
CAPÍTULO IV - A vizinhança	21
CAPÍTULO V - O primeiro amor	27
CAPÍTULO VI - O dia em que chutei a bola	29
CAPÍTULO VII - A peteca	31
CAPÍTULO VIII - O fura bucho	33
CAPÍTULO IX - A primeira sova	35
CAPÍTULO X - O Rio Chumucuí	37
CAPÍTULO XI - A Escola Theodomira Lima	39

Prefácio

A Rua 13 de Maio é aquela rua que está nos corações dos jovens que viveram o fim do século XX. Cheia de aventuras e perigos, a Rua 13 de Maio marca a infância de muitos paraenses. Mesmo aquele que não esteve na Rua 13 de Maio de Bragança, no Nordeste do Pará, a tem em seu coração, pois essa rua sintetiza a vida do interior paraense no fim do século passado.

Os momentos de violências, que se intercalam com risadas e amores, provocam no leitor uma leve e alegre nostalgia. A superação das dores é acompanhada da felicidade.

Visitar a Rua 13 de Maio fez-me lembrar de mim, da minha infância e das minhas aventuras, próprias de um jovem paraense do nordeste do Pará que hoje habita longe de sua terra, mas que tem a terra habitando em si.

Futebol na TV e no campo da esquina. Peteca, pipa e fura bucho. Banhos de rio e a vida na escola. Todas as reminiscências da Rua 13 de Maio.

Célio Oliveira Garcia¹

¹ Poeta e historiador formado em Licenciatura Plena em História pela Universidade Federal do Pará – UFPA, Campus Bragança. Professor de História na Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais, em Conceição do Mato Dentro – MG.

Capítulo I

A chegada à Rua 13 de Maio

- Vamos embora! Disse minha irmã quando íamos a Bragança. Era 1996. Naquele tempo eu estava concluindo a primeira série do Ensino Fundamental. Economicamente a sobrevivência na Vila do Cajueiro dependia da lavoura, pois às proximidades de nossa residência havia plantações de tabaco, milho, feijão e mandioca. Os espaços de plantações e colheitas eram cuidadosamente vigiados por nossa família. Havia um tempo para a plantação e outro para a colheita. Entretanto, ocorria um interlúdio nesse período, uma vez que enquanto as plantações não davam frutos deveríamos procurar outros meios à sobrevivência. Nesses dias o pasto que ficava em frente de nossa residência enchia-se pela água da chuva e, por sorte, nós podíamos aproveitar as regas do rio até por três meses, quando do fim do período chuvoso.

O rio nos fornecia o “peixe da água doce”, a saber: o pirapema, o traíra, o mussum, o jacundá, o jundiá e a piaba.

- Vamos pescar! Ouvia com frequência de meus primos. O Augusto e o Ademilson eram os mais animados. Eles moravam a uns 50 metros de nossa residência e apareciam pela manhã, bem cedo, antes mesmo de o sol raiar; ou, noutros casos, também às 11 horas. Traziam dois cofos e uma tarrafa.

- Vamos! Eu não hesitava quando era pela parte da tarde. Minha mãe me metia o cacete caso eu não fosse assistir às aulas na Escola Fundamental, no período da manhã. Àquele distante colégio, levávamos, comumente, uma hora caminhando para nele chegar, em meio à poeira que se apresentava na estrada. Um conjunto de crianças ia por aquele caminho poeirento até chegar ao destino. Nos logradouros já combinávamos em gazetear as aulas, fugindo quando a professora não estivesse na sala. Se ela não saísse, nós colocaríamos os cadernos embaixo de nossas blusas, chegaríamos junto a ela e pediríamos:

- Professora, posso ir ao banheiro?

- Sim.

Então saía um primeiro, minutos depois outro pedia, e assim se alojavam aquelas 10 crianças que retornavam as suas casas. Com o fim de despistar possíveis suspeitas de nossas mães, nos metíamos no mato para comer frutas. Em grande parte furtávamos mamões, laranjas e melancias dos quintais de algum proprietário que reside à beira da estrada. O risco era ser flagrado ou levar um tiro de alguma espingarda que os proprietários geralmente guardavam em suas residências.

- Lá vem o dono - dizíamos quando víamos os proprietários dos terrenos a caminharem em nossa direção. Pequenos e magricelas, passávamos facilmente por baixos dos arames farpados.

- Corre! Corre! A menina corria intensamente, segurando os caderninhos de brochura debaixo dos braços. O boné caía. – Minha sandália rebentou! Ouvia, às vezes. Até a minha também ficou no percurso em

algumas ocasiões. Mas, quando aquilo ocorria, deveríamos retornar para pegar, porque caso alguém chegasse sem os calçados em suas residências, punições receberiam de seus genitores. Meus pais nunca descobriram que eu participava dos furtos de melancias, mangas, laranjas, cajuas e jambos nos terrenos alheios.

Em 1996 eu recebi de minha irmã a informação de que nossos pais estavam pensando em deixar o Cajueiro.

- Vamos embora do Cajueiro, Carlos Aleixo. Vamos embora daqui. Eu fiquei reflexivo. – Ir embora daqui para onde?

- Vamos para Bragança. Vamos para Bragança. Vovô Bernadinho deu uma casa para mamãe. Para lá vamos morar.

- É mesmo, morar na casa do vovô. Nossa família ia comumente, nas férias escolares, para casa de nossos avós. Porém, daquela vez não mais retornaríamos, pois nossa ida era definitiva.

Em quinze de novembro de mil novecentos e noventa e seis minha mãe chegou nos informando. – Vamos para Bragança. Vocês, Carlos e Maria Eduarda, ficarão estudando até terminar suas aulas. Vocês morarão na casa da tua avó Maria Laura. Assim, vocês morarão mais uns dias aqui e depois virei buscá-los.

Desta feita ficamos, Eduarda e eu, estudando no Cajueiro.

No último dia, numa sexta-feira, o caminhãozinho do Fortunato ficou cheio. Conhecido como Pajaroba (eu não tinha a menor ideia por que o chamavam daquela maneira), ele utilizava seu veículo fazendo serviços para a comunidade, transportando sacas de farinha, objetos e

materiais de usos domésticos. Mamãe e as crianças (Maria e Mariana) iam à boleia e papai ia na carroceria, no meio dos entulhos da mudança. Eduarda e eu estávamos ao lado de nossa avó. A velhota colocou as mãos pesadas em nossos ombros, admoestando:

- Crianças, daqui a pouco vocês irão.

Nossa ida para Bragança dar-se-ia apenas quinze dias depois. Mamãe apareceu na casa de vovó com o fim de conduzir-nos.

- Vamos, vamos! Peguem as coisas de vocês e vamos embora!

Nossa ida para o novo lar ocorrera numa segunda-feira. Como de costume, ficamos à espera do pau-de-arara na borda da estrada.

- O carro amarelo já passou? Perguntou mamãe (às 8 horas do dia) a uma senhora que também se encontrava no local. O veículo apenas deu sinal trinta minutos depois. Uma fumaça de poeira dos diabos o acompanhava, pois a estrada era de chão batido e, no verão, bom, as ruas destas plagas ficavam assim, nos sufocavam com a poeira embaralhada pelas rodas dos carros. Ruuum, ruuum. Mamãe deu sinal.

Quando entramos o pau-de-arara já estava lotado. - Crianças, sentem aqui! - ouvíamos de algum cristão por lá presente, e naquele dia não foi diferente. Havia tábuas instaladas nas duas extremidades do caminhão, lá as pessoas sentavam. Velhos, jovens e crianças se amontavam em meio a sacas de farinhas e outras coisas da roça. Naquele dia, um velho com uma síndrome estranha estava ao nosso lado, metendo o dedo indicador

no nariz e comendo meleca. Ele sorria a mostrar seus dentes amarelos como se nunca os tivesse escovado.

- Mãe, mãe, quem é ele? Perguntei.

- Crianças, se comportem. Este é o Pedroso. Ele é doente, não mexe com ninguém. Não percebem que ele é “doido”?

Chegamos a Bragança. Descemos nas proximidades da nossa nova residência. - É ali - mamãe mostrou com o dedo indicador. A casa tinha as paredes de tábuas e sua cobertura era de telha *Brasilit*. Construída às proximidades de uma ladeira, na borda da rua, e estendida sobre vigas de madeiras que asseguravam parte de seu solo, era uma casa de palafitas, semelhantes àquelas do Rio de Janeiro, arquiteturas dos pobres deste País.

- Carlos, tu vais dormir aqui. É. Aqui na cozinha. Olha ali a tua rede!

Minha rede já estava estendida por uma corda amarrada no esteio da casa.

- É só jogar daqui pra ali. Tá vendo aquela corda? Ali tu amarras o outro punho da rede e estende.

Eu dormiria numa rede, sozinho.

Nossa casa ficava no morro. Dava para ver as crianças brincando embaixo, piruetando. Eu olhei aqueles garotos lá de nossa janela. Tempos depois um coleguinha falou que se lembrava de mim, de um garoto de cabelos amarelos que ficava observando do alto, enquanto eles brincavam lá embaixo.

Meus primeiros dias naquela rua foram de reclusão, pois não colocava o pé fora de casa, apenas observava os movimentos na rua embaixo de nossa residência.

CAPÍTULO II

A Casa de tábuas

Nossa casa era de tábuas e tinha um quarto, uma sala e uma cozinha. A residência era construída em uma descáida à semelhança de um morro. Quanto ao solo, uma parte era de cimento e outra de madeira. Da janela era possível observar as casas da vizinhança e ameninada brincando embaixo. O mais interessante era o corredor que nos separava da residência do Senhor Juvêncio, homem de aproximadamente 60 anos. Era viúvo e tinha três filhos, a saber: Neilton, Nélio e Adriana, pessoas por quem eu nutriria demasiada amizade. Por aquele corredor eu passeava constantemente para dirigir-me ao quintal da residência, embora lá (no quintal) não tivesse nada além de umas bananeiras infrutíferas. Ao completar um mês no lugarejo ganhei uma bola do vovô Bernadinho. Sem nada a fazer, chutava pelo corredor e descia pela janela ou, noutras ocasiões, deslocava-me pela porta da frente a fim de rodear para pegá-la. O prazer estava todo na correria.

No início dormíamos cedo porque não tínhamos nada para passar o tempo, então o antigo hábito da Vila do Cajueiro permanecia. Não obstante, a situação começou a mudar quando papai comprou uma televisão de imagem preta e branca. Era pequena, contudo, o único entretenimento nosso. Lá eu assistia todas as manhãs os desenhos, exceto quando papai estava assistindo o

telejornal ou o esporte. Nessa hora todos e quaisquer programas nossos eram vigorosamente cortados.

À noite o desconforto era cruel. Quando chovia respingos penetravam na residência.

- Carlos, vai pra cama, se não tu vai te molhar. Dizia mamãe nas noites chuvosas. Eu descia e ficava ao lado de mamãe.

Somente após quatro meses me adaptei àquela situação.

CAPÍTULO III

As pipas na Rua 13 de Maio

A Rua 13 de Maio, nos meses de julho e também aos finais de ano, ficava enfeitada pelas pipas no céu. Quase toda a garotada tinha o costume de brincar com pipas e rabiolas. Enquanto uns davam laços, ou seja, competiam tentando cortar a linha do outro, uma parte da molecada ficava à espera das “pipadas” caírem para correrem atrás dessas. Um dia eu estava no quintal de casa quando uma rabiola desceu em minha direção. – Pega, pega - ouvi a meninada gritando. O garoto mais robusto entre todos zarpou acima de mim a fim de tomar-me o material. Eu caí no entremeio da confusão. Quando levantei, ele já ia se afastando arguindo: “Deixou! Deixou! Deixou!”, e sumiu do meio da turma.

As pipas tinham um período a se manifestar, ocorrendo geralmente em férias e finais de ano, já que eram nos intervalos das escolas que a meninada, de fato, era feliz. Noutros períodos o futebol, a peteca, o pião, a dama, a pira-esconde, a queimada, a pira-bujão e a macaca eram os passatempos preferidos. Eu nunca empinei rabiola e nem pipas, apenas corria quando ouvia o som “ovai!”.¹ Eu, então, corria atrás do objeto, porém nunca as pegava, haja vista que havia sempre

¹ Era a maneira pela qual os garotos se manifestavam quando viam uma pipa e/ou rabiola caindo após ter suas linhas cortadas.

uma mão grande à frente. A emoção toda se resumia em correr ao som do “ovai”.

CAPÍTULO IV

A vizinhança

A vizinhança era fofoqueira e minha mãe, comumente, trazia as novidades do que ouvia durante suas andanças pelas casas alheias. Um dia, no ano de 1998, ela falou que o nosso vizinho debaixo, o Zé Paulo, andava “trepando” com sua enteada Ana Lúcia. Ela estava grávida e ninguém sabia quem era o pai.

- É Zé Paulo. Uuuuuhhhh, ele come direto a fulana aí. Contava-nos com a face irônica.

Zé Paulo era um sujeito violento, pois não poucas vezes ouvíamos os gritos de Rosa:

- Ai, Zé, para. Para Zé, meu Deus, nãããããã! Ativo, o carrasco permanecia em silêncio. Ouvíamos apenas o barulho de suas mãos atacando o corpo da vítima, phum, phum, phum.

A criança nasceu e foi batizada de Andreia. Era o dito homem num corpinho.

A casa de Zé estava muito próxima da nossa, de modo que ouvíamos muito das brigas que lá ocorriam. Zé, em diversas vezes, atirava objetos pela janela da residência. Seu tom de voz e seus direcionamentos demonstravam o ciúme que sentia de sua esposa e de sua enteada. Em algumas vezes, ele atirava os alimentos, deixando, assim, as crianças nos diabos. Porém, em seus círculos de amizades, Zé era o “melhor homem do mundo”, conversava com todos, falava de Deus e da piedade do

criador. Ele, inclusive, ia à nossa casa conversar e até me dava conselhos sobre como ser um bom cidadão no futuro, vejam só o nível do cinismo humano. Mamãe e papai sabiam de tudo, mas nunca tiveram a destreza ou a coragem de falar ao homem acerca de sua violência.

Em 2000 recebemos a notícia de que Zé teve seu peito perfurado por uma faquinha de cortar pão. Zé está no hospital à beira da morte, informou-nos Marcela, vizinha do dito. Ele se desentendeu com um homem durante a realização de uma atividade costurando redes de pesca. A faca atingiu o coração da vítima, que correu aos gritos de Socorro! Socorro! Socorro! Vindo a cair à calçada de uma residência particular. Toda a vizinhança e até o pessoal de outras ruas comentavam e lamentavam a fatalidade. A família passou, obviamente, a vivenciar muitas dificuldades após o falecimento do dito. “Ruim com ele, pior sem ele”; comentava minha mãe algumas vezes. Sempre que podíamos nós os ajudávamos com alimentos, já que era demasiadamente doloroso ouvirmos as crianças chorar por causa da fome.

A uns 10 metros de nosso lar morava Seu Antônio, amigo do vovô Bernadinho. Este, inclusive, ajudou-o na construção da casa de madeira. Ele tinha 6 filhos, todos garotos. Ele era calmo, pelo menos entre os vizinhos. Mas, quando “enchia a cara de cachaça”, perambulava pelas ruas, dormindo, inclusive, em calçadas próximas ou distantes.

Porém, um pouco à frente da casa de Antônio morava “Louro”, o irmão mais jovem do mesmo. Ele era “nó cego”, dizia o pessoal da redondeza. Um dia eu estava assistindo TV, e ouvi uns gritos lá para as bandas da casa de “Louro”. Vi o padraço dele todo

ensanguentado. “Louro” meteu a faca no mesmo. Por sorte, e por tolerância da natureza, o velho sobreviveu, todavia jamais retornou a casa, rompendo, inclusive, o relacionamento com a mãe de seu carrasco.

“Louro” também espancava sua companheira, a Ângela. Ora, pelo fato de morarmos um pouco mais distante, não ouvíamos os gemidos ou os gritos da dita, mas o rosto inchado da ‘pobre’ já denunciava que ela estava sob os punhos do marido. Mamãe comentava:

- Essa apanha todo dia.

Até que um dia, talvez cansada da humilhação, ela foi embora. “Louro” ficou à semelhança de um louco. Foi atrás da mulher com um facão, ameaçou matar essa e sua família. Ela fugiu não se sabe para onde.

Às proximidades da casa de “Louro” e Antônio residia Sebastião, homem magro, aparentando ter uns 40 anos, sustentava a família do trabalho como pintor. Seus filhos eram Cristiano, Marcos, Adriano e Maria. Era um sujeito muito comunicativo e aparecia nalguns dias à frente de nossa casa. Mas, mesmo com essas atitudes, eu não sabia ao certo se ele estava envolvido em alguma trama. Em certa tarde ele quase foi morto por Germano, um homem que morava um pouco mais distante de nós. O agressor correu conduzindo um facão afiado na direção da casa de nosso personagem e bateu com deveras forças na porta, arrombando-a. Por sorte, a possível vítima deu em retirada pela porta dos fundos. Cristiano, Adriano e até mesmo “Louro”, controlaram o transtornado Germano. Mas o atacante não se convenceu em perder sua caça e agrediu Cristiano com

os lados do facão, que o pessoal nas redondezas denominava “pranchada”.

- Defende teu pai agora, “gadinho”, defende! Gritou o agressor enquanto Cristiano resmungava: a gente era IRMÃO, Germano. A gente era IRMÃO. O agressor era primo de Sebastião.

No outro dia nosso amigo apareceu.

- Este homem é louco. Isso é um doido.

Nunca soube do porquê daquela briga; inobstante tudo encerrou naquela tarde.

Colada à nossa residência morava o Senhor Juvêncio, um tiozinho baixo e de cabelos brancos. Ele tinha três filhos, quais sejam: uma moça (Adriana), que todos conheciam por sua alcunha “Branca”, e os outros dois rebentos eram Nélio e Neilton (já apresentados atrás). Neilton e eu nutrimos, entre meus 8 a 13 anos, boas e más relações de amizades. Isso ocorria porque algumas vezes nós brigávamos. Apesar de eu ser um pouco mais alto Neilton era melhor “no soco” e, quase sempre me acertava uns firmes na face, embora eu também revidasse quando tinha oportunidade, atingindo suas costas, pois ele lutava abaixado e, daquela maneira, eu aproveitava as costas dispostas e a socava. Porém, noutro dia já estávamos a conversar, íamos jogar bola e correr atrás das pipas.

No que pese às preferências no futebol (e naquela época conversávamos bastante sobre este esporte e obviamente nutríamos o desejo de jogar em algum clube), nossas falas giravam em torno de quais eram os melhores times brasileiros e, convenhamos, no final da década de 1990 e início dos anos 2000 o futebol no Brasil

era muito mais rico em craques. Neilton era vascaíno e eu, palmeirense. Vasco e Palmeiras tinham grandes times naquele tempo. O primeiro ganhou a Copa “Libertadores das Américas” em 1998, quando derrotou o Barcelona do Equador por 2 a 0. Um ano após, o Palmeiras venceu a mesma competição, superando o Deportivo Cali nas penalidades máximas. Entretanto os dois times não conseguiram ganhar o “Mundial de Clubes da FIFA”, tendo o Vasco perdido do Real Madrid, da Espanha, e o Palmeiras ao *Manchester United Football Club*, da Inglaterra. A gente se zoava sobre as derrotas das equipes. Eu falava do golaço de Raul, que sacramentou a vitória do Real e ele da falha do goleiro Marcos, que facilitou o gol final de *Roy Keane*. Mas faltava eles se enfrentarem e isso ocorreu em 2000, na final da Copa MERCOSUL. Os três primeiros gols deixaram-me bastante animado. “Pega, porra!” Vibrava eu com os gols de Arce, Magrão e Tuta. Neilton permanecia em silêncio.

Contudo, no segundo tempo as coisas passaram a ser diferentes, Romário e Juninho Paulista comandaram a virada vascaína, 4 a 3. Um jogo épico. Neilton vibrava junto a seu pai com os gols da virada. Naquele dia eu fiquei com muita raiva, cheguei a chorar. Pensei, “nunca mais torço por esse time”. Papai, num gesto raro de carinho, me disse que era só um jogo, que noutra ocasião meu time ganharia, mas Neilton não perdeu oportunidade e me zoou por pelo menos umas três semanas.

Do outro lado de nossa rua morava Luiz, garoto branquelo, filho de Fátima, que todos diziam ser professora primária. Ele me convidava a jogar futebol

noutra rua, vez ou outra. Lá conheci o Ednaldo, menino pequeno, filho de pai alcoólatra, que cambaleava pela rua quando estava sob o efeito da pinga. Nós nutrimos grande amizade e durante toda a minha infância tive contatos com esses dois garotos. Eu me revezava entre as brincadeiras na Rua 13 de Maio e as na Floriano Peixoto.

CAPÍTULO V

O primeiro amor

Na rua mais próxima a 13 de Maio, jogávamos futebol às tardes. Num desses dias ordinários vi Kelly, que estava brincando amarelinha com outras meninas. Eu fiquei interessado e considerei bonita aquela menina dos longos cabelos lisos. Ela era prima do Ney, um garoto magricela que era nosso companheiro nas peladas. Quando soube do meu interesse pela menina ele não aguentou e disse a ela às minhas proximidades:

- Kelly, o Carlos tá a fim de ti!

Quase eu me enterrava. Ela nem ao menos olhou para mim, apenas disse: Credo! Naquele dia tirei da minha mente qualquer possibilidade de um dia ter alguma coisa com essa. Mas a *vida é engraçada*, com o passar do tempo, senti que ela começou a me olhar diferente. Ela me encantava. Aquele sorriso discreto deixava-me bastante atraído, afora outras coisas. Enfim, tudo nela me atraía. Kelly, minha primeira paixão. Contudo, minha timidez, cólera até os dias de hoje, impedia qualquer tentativa arriscada. Mas, numa noite, Ednaldo chegou até mim e disse:

- Ei, tu tá a fim da Kelly? Eu faço os papos.

- Como? O interroguei.

- É o seguinte: eu falo com ela pelo corredor, esclareço sobre teu interesse. Se ela topar, tu vai e a beija.

Meu fígado começou a palpitar de emoção. Ia beijar a menina que gostava, a única que despertava em mim um sentimento diferente. Aquelas sete e trinta da noitinha foi tensa. No esfregar das mãos, Ednaldo apareceu.

– Vai lá. Ela tá na janela te esperando. Vai, besta! Não perde a chance. Eu caminhei em direção à janela. Kelly já estava me aguardando com a face para fora. Eu me aproximei, o nervosismo me abraçou, mas fui à sua direção. - Rápido. Minha mãe pode ver a gente aqui. - disse ela. Eu me aproximei, fechei os olhos e ela aproximou seus lábios dos meus. Nossos dentes se roçaram. Tudo foi muito rápido. Ela fechou a portinha. - Vamos, meu amor. Minha nossa! Pela primeira vez alguém tinha me tascado um beijo e ainda me chamado assim. Kelly, nunca esqueci esse nome.

CAPÍTULO VI

O dia em que chutei a bola²

Sem dúvida, jogar futebol era a minha diversão preferida entre as brincadeiras de infância, em Bragança, uma cidade no Nordeste do Pará. Bastava iniciar as tardinhas que um grupo de moleques sem camisetas se reunia na Rua 13 de Maio a fim de começar os preparativos para as partidas. Jogávamos num campinho de poeira denominado Vila Alencar. Tínhamos o hábito de ir mais cedo, entre 13 e 14 horas, pois a partir das 16, os grandalhões chegavam e nos expulsavam. Então, por isso, aproveitávamos o maior tempo possível no campo. Às vezes eles não apareciam e a gente ficava jogando até a noitinha.

Eu era zagueiro, pois era desprovido de habilidade. O pessoal gritava para eu chegar firme nos atacantes. Quando me arriscava ao ataque e fazia um gol o pessoal dizia: “até o Aleixo fez gol”. Nosso time não era tão bom. Jogavam Fábio, Neilton, Kale, Cheiro, Gordo, Pelado e eu; todos bem ruinzinhos, exceto o baixinho Neilton, que corria demasiado com a bola grudada nos pés e dava muito trabalho aos adversários. A gente pegava muitas goleadas; porém, vez ou outra, ganhávamos de algum

² Texto publicado na *Revista Intransitiva*, Memórias que nos atravessam (v. 4, n. 2, 2020).

time relativamente forte. Quando isso acontecia era uma festa e passávamos o resto da semana falando do feito.

Em um dia qualquer, fomos jogar apostado com os moleques da outra rua. A partida valia dez contos. Bom, eu fiquei lá em minha posição, aguardando os atacantes virem para eu despachar a bola. Lá vem um correndo atrás dela e não contei conversa, zaguerei. Soquei o pé na branquinha para bem longe. Olha o azar! Havia um ônibus parado na rua. Pei, braaaaaaaaaa. O vidro lateral do veículo se espatifou ao chão. Após isso, só lembro-me de olhar para não sei onde e correr, correr e correr. Pensava que estava sozinho, contudo um lagarteiro se formou atrás de mim. Eram muitos moleques correndo, desesperados para fugir do flagra. Eu ainda ouvi dizer: - Pega a bola!

No outro dia todos os garotos ficavam comentando que o proprietário do veículo queria me pagar. Diziam que ele foi me catar no bairro para eu pagar o prejuízo. Eu fiquei três meses sem colocar o pé na Alencar, mas nada me ocorreu. Tudo era válido para evitar uma surra de corda do meu pai.

CAPÍTULO VII

A petecada

- Vamos jogar peteca - convidava-me Neilton. Eu ia, porém só para observar, pois era “ruim” demais, perdia todas as minhas azulzinhas; mas, também participava do jogo quando dava. O joguinho consistia à maneira seguinte: os garotos se apresentavam com petecas às mãos em terreno limpo e com pouco pueril. Era riscada uma linha ao chão e postas as petecas.

- Casa! Casa! Avisava a moçada (termo que se referia à exposição das petecas ao chão). Uma fileira transversal de bolinhas era assentada e a uns cinco metros os garotos se estabeleciam. Todos tinham uma peteca maior que denominávamos “balões”. O objetivo era atingir duas petequinhas e tocar o balão ao mesmo tempo; assim, quando isso ocorria, o jogador “arrastava” (ganhava) todas as pequenas expostas. Quando o jogador era muito bom e ganhava tudo, a meninada dizia que ele “afubitou” todo mundo.

Porém, nem só de brincadeiras vivia a petecada. Às vezes brigas ocorriam e, não raro, um garoto saía com a face vermelha. Eu, inclusive, dei e também apanhei alguns socos nessas “brincadeiras” rotineiras.

CAPÍTULO VIII

O furo bucho

O fura bucho era outra brincadeira recorrente entre a molecada da Rua 13 de Maio. Ela era um pouco mais prática que a petecada. Pegávamos um pedaço de ferro feito agulha, de uns 10 centímetros, e enfiávamos dentro de um pedaço de madeira. Deixávamos a extremidade pontiaguda para fora, suficiente para segurarmos com o dedo indicador e o polegar. Feito este néctar pegávamos um pedaço de cano fino e introduzíamos na madeira com a agulha no interior do material. Eis o fura bucho, pronto para o uso.

Ao primeiro convite a moçada reunia-se à brincadeira que se despertava. O par ou ímpar dava início à brincadeira. Ganhava quem conseguisse cercar o oponente. O iniciante começava aplicando o fura bucho ao chão, traçando retas na terra. Seu intuito era efetuar o máximo de retas no prisma a cercar o adversário que jogava quando o iniciante errava. Às vezes, os traçados eram tão perfeitos que o oponente “jogava a toalha”. A brincadeira, dessa feita, se encerrava.

CAPÍTULO IX

A primeira sova

Bem me lembro da primeira surra que levei de mamãe. Os garotos convidaram-me a jogar bola num lago, no bairro Samaumapara. Era um rio pequeno e raso; porém, ao redor, existia um campo de bola de chão batido com traves de madeiras. Como fomos em turma, deu para organizar um time competitivo. Jogamos das 14 às 18 horas. Cheguei a minha casa e desloquei-me direto ao banheiro. Mamãe, “mordida”, não contou conversa, apossou-se de um cabo de vassoura.

- Abre essa porta, seu filho da puta! Abre, caralho! Foi metendo pancada. Eu saí correndo pela casa, nu. A surra deixou umas marcas em minhas costas. Ora, de nada adiantou. Meses depois passei a frequentar aquele lugar constantemente.

Papai, por outro lado, me surrou bastante. Em alguns momentos eu escapava e ele vinha atrás, geralmente com um cipó às mãos.

- Vem cá, seu filho de uma égua! Vem cá! Vou torar teu pescoço!

Eu fugia. No íntimo, sabia que quando a raiva passasse ele poderia não me bater.

Escapei de algumas assim.

Um dia Neilton me convidou a ir à feira com seu pai. Os acompanhei no trajeto. Estando lá vi papai, em sua bicicleta, fazendo compras. Ele me olhou daquele

jeito. Sua face cheirava a ódio e violência. Mas, no fundo eu pensava que aquilo iria passar que eu chegaria ao lar e nada ocorreria. Inobstante, ele chegou e, como um cão, desceu da bicicleta, desamarrou as compras, pegou uma liga escura e resmungou:

- Tu vai me pagar agora. Pera aí! Espero nada, pensei! Saí à correria.

Naquele dia não apanhei. Tinha medo dele. Aquele homem violento me causava tédio e ódio. Palavrões como “caralho e filha da puta”, dentre outros, saiam de sua boca quase que diariamente. Sentia vontade de matá-lo, quando ele me surrava. Uma hora ele dormia e nada seria mais fácil do que destruir uma pessoa em sono. Mas sempre pensava no meu futuro, no fundo tudo aquilo iria passar, como tudo na vida. É a desgraça da impotência!

No início da adolescência já não mais apanhava. O fulcro agora era procurar trabalho.

CAPÍTULO X

O Rio Chumucuí

O rio que banha as casas em Bragança é o Chumucuí, localizado a cerca de uns 8 km do centro da cidade. É neste local que fica a Companhia de Saneamento do Pará (COSANPA), empresa que abastece os particulares. Mensalmente um entregador jogava o talão com as contas a pagar, atirando-o pelas janelas dos lares. A maioria de minha vizinhança dependia dessa água para banhar-se, exceto para fazer os alimentos e o consumo diário. Nesse caso deveríamos pegar água de algum vizinho que tinha poço artesiano. Todas as manhãs mamãe mandava-me fazer aquilo: encher os bujões e retorná-los à geladeira.

Entretanto, entre a garotada, o mais protuberante era banhar-se no Chumucuí. Aquelas águas escuras e profundas eram uma de nossas diversões preferidas. Com efeito, às tardes, geralmente entre doze a treze horas, reuníamos à Rua 13 de Maio e combinávamos a partida. O lance era o seguinte: cada moleque ficava encarregado de ir até sua casa e pegar uma bicicleta com garupa a fim de carregar os outros que não tinham. Eu entrava em casa de “fininho”, enquanto mamãe estava deitada e apossava-me da *Monark* de papai. Eu sabia que se furasse algum pneu só ouviria “esse filho da puta tá andando na minha bicicleta...esse veado e vagabundo do caralho tá carregando macho na minha bicicleta”.

Mesmo assim me arriscava. Papai poucas vezes soube que estava me apossando de sua propriedade para carregar os moleques para o rio.

Todavia, quando não conseguíamos bicicletas, era o jeito nos deslocarmos a pé. Andávamos cerca de 60 minutos até chegarmos ao destino: o rio. Todo aquele esforço valia a pena, pois ficamos até às dezessete horas aos banhos na água.

CAPÍTULO XI

A Escola Theodomira Lima

Em 1997 iniciei os estudos na Escola Fundamental Theodomira Lima. A escolinha localizava-se próximo à nossa residência. Bastava caminhar uns 10 minutos e chegava-se ao local. Diferente do que ocorria no Cajueiro, na nova escola eu não tinha amigos; todas as crianças me eram desconhecidas. Então restava ficar em silêncio e atento às aulas.

E o curioso é que durante os anos naquele colégio nunca briguei com ninguém. Sofria bastantes provocações dos “colegas de classe”. Silas, por exemplo, era o que mais me provocava a uma reação violenta. Dava-me, muitas vezes, empurrões à porta da saída da sala. Eu me aproximava do chão, mas nunca reagia. Resisti até às cusparadas e roubadas de lápis do Daniel, outro moleque saliente que enchia meu saco com frequência. Ele, inclusive, quebrava o meu lápis na minha frente e, após isso, o colocava em seu bolso. Minha única reação era ir a sua cadeira e furtar-lhe materiais (lápis e canetas) à hora do recreio como maneira de recompensar os danos que ele me causava.

Mas havia colegas que eu realmente não esqueci. O Denso, por exemplo, era muito bacana, além do Adriano e de outros lá que não recordo seus nomes hoje. Denso era o mais alto da turma e ninguém mexia com ele. O

referido tinha um irmão baixinho, Rogério, se não me engano era o nome dele. Coisa da genética.

Dentre as meninas, bom, o que lembro mesmo é de uma professora da 4ª série, maravilhosa. Aqueles longos cabelos encaracolados eram um encanto. Eu era apaixonado por ela. Tinha a bunda grande e a garotada a chamava de Popozuda.

Entre as minhas coleguinhas lembro-me de poucas. Joana, por exemplo, estudou comigo na 3ª série. Eu cheguei a sentir forte atração por ela. Nós íamos e voltávamos juntos, uma vez que ela residia próxima a minha casa; porém, perdi o encanto depois que Luiz disse a mim que “estava comendo a moça”.

Havia também outra uma menina meio gordinha, a Ana Paula, que era “a fim” de mim. Eu, por outro lado, tinha medo dela. Uns garotos chegaram a marcar um encontro com a Ana Paula sem consultar meu interesse. Quando me chamaram dizendo que ela estava esperando na saída do colégio eu dei no pé. – Tu tá com medo. Tu és veado. Disse um moleque branquelo, que havia armado todo o esquema em surdina. Mas não era isso. Eu é que não tinha o menor interesse por ela. Era mais alta e mais velha que eu e isso me deixou intimidado.

A escola era pequena, composta por quatro salas e um corredor que levava à cantina da merenda, onde os moleques faziam os “diabos” na hora do intervalo.

Estudava-se, então, no turno da tarde, da primeira a quarta séries do Ensino Fundamental. A hora da merenda era uma balbúrdia. Os moleques salientes ficavam se esmurrando e colocando apelidos uns nos

outros. Havia um corredor entre as salas de aula e a copa. Lá eles costumavam esperar as meninas a fim de aplicar-lhes beijos forçados e também meter os dedos nos “rabos” das garotas.

Às vezes eu passava correndo por aquele lugar para não receber imprensadas e puxões de camisa. Cristiano e Silas eram dos mais salientes. O segundo, por exemplo, era doido para brigar comigo. De vez em quando me dava uns escorões contra a porta da sala de aula, porém eu ficava na minha, pois sabia que brigar com aqueles desocupados não me conduziria a nada. Lembrei-me de outro, um tal de Domingos (que eu pensava que era Domingo), pequeno, magro e muito perturbador. Um dia eu quase briguei com ele logo após receber uma cusparada na face.

Apesar de não me meter em confusão eu era péssimo aluno. Minhas notas eram muito baixas, exceto em Estudos Sociais. Cheguei a ficar reprovado em Matemática na 3ª série porque não sabia dividir por três números. A professora Rosenilde explicava, explicava, se irritava, repetia a mesma conta mil vezes e eu nada. Por isso fiquei dois anos numa série.

Saí daquela escola ao terminar a 4ª série. Minha mãe ficou toda contente.

- Agora tu terminaste mais uma etapa. Deves sempre estudar para ser alguém na vida, para não passar pelas mesmas dificuldades que eu passei. Apesar de até hoje nunca ter falado nada, desconfio que minha mãe se orgulha por eu te conseguido estudar e chegar a um estágio elevado de conhecimento formal.

A presente obra de Alexandre de Brito Alves retrata um período que muitos garotos vivenciaram na infância ou na adolescência: a mudança da família do interior para a cidade. Carlos, o personagem-narrador, relata suas aventuras e brincadeiras no novo ambiente, bem como sua adaptação à escola e aos novos colegas. Ambientada em uma rua na cidade de Bragança-Pará e suas adjacências, na década de 1990, a narrativa de REMINISCÊNCIAS DA RUA 13 DE MAIO é rica em expressões populares e memórias afetivas, o que a torna bastante peculiar.

Roselis Oliveira

Professora de Língua Portuguesa
Bragança, 29 de setembro de 2021

